

Paisagens dos trilhos açorianos devem ser interpretadas como cultura e protegidas dos impactos do turismo

À semelhança do que acontece com a paisagem Vinha da Ilha do Pico e com as duas ilhas do Grupo Ocidental, que por serem reservas da Biosfera da Unesco beneficiam de medidas preventivas que procuram não ameaçar a biodiversidade que nestes espaços existe, também outras paisagens açorianas encontradas ao longo dos trilhos pedestres poderiam beneficiar deste estatuto. Entretanto, há estudos a decorrer direccionados para o turismo, procurando entender que impactos ocorrem nos trilhos a partir da presença dos turistas no sentido de ajudar a planear uma melhor gestão destas mesmas áreas naturais.



Por intermédio de um projecto de investigação em desenvolvimento, o “FOREST-ECO2-Towards na Ecological and Economic valorization of the Azorean Forest”, foram analisados, durante o ano de 2018, os 80 trilhos oficiais estabelecidos para as nove ilhas do arquipélago com o intuito de se perceber melhor que tipo de solo se intersecta com os trilhos pedestres nas várias ilhas do arquipélago e que impactos podem existir nesses mesmos trilhos com o turismo.

Assim, através do site da Associação de Turismo dos Açores e do cruzamento com os dados disponíveis pela Direcção Regional dos Serviços Florestais, foi possível concluir, de acordo com Diogo Pavão, que as maiores diferenças encontradas estão nos trilhos das ilhas do Grupo Ocidental em comparação com os trilhos das restantes sete ilhas dos Açores, uma vez que apresentam uma menor número de pastagens e culturas agrícolas dispostas ao longo dos trilhos pedestres.

De acordo com o investigador do Centro de Biodiversidade e Recursos Genéticos (CIBIO Açores) e da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade dos Açores, o facto de a ilha das Flores e a ilha do Corvo apresentarem uma maior percentagem de vegetação natural deve-se ao facto de estas ilhas serem “duas reservas da Biosfera da UNESCO, maioritariamente preservadas graças ao seu isolamento no seio do arquipélago”, estatuto este que poderia também beneficiar outras paisagens açorianas.

Com este estudo, e atendendo às suas motivações, concluiu-se ainda que “é fundamental para a sustentabilidade que se compreenda a percepção dos residentes e dos visitantes sobre o turismo e as suas características”, defendendo-se, “independentemente do tipo de cobertura dos solos que os trilhos intersectam, que os mesmos devem



ser, também integrados como turismo de cultura” uma vez que as paisagens podem ser assumidas e interpretadas como cultura, diz o investigador.

Tendo em conta as características dos trilhos pedestres que existem nas restantes ilhas, onde os trilhos incluem muito frequentemente pastagens e terrenos utilizados para a agricultura, Diogo Pavão salienta que, “os impactos do pisoteio afectam, de forma diferente, a estrutura e a composição da vegetação nos trilhos”, principalmente porque estes podem funcionar como “corredores para a propagação de espécies exóticas invasoras e contribuírem assim para a perda e fragmentação de habitats em perigo”.

Neste sentido, o investigador que fez a apresentação deste projecto aquando da terceira edição do Spring Seminar do CIBIO Açores, que decorreu nos dias 23 e 24 de Maio na Universidade dos Açores, salienta que é necessário existir também “mais investigação para melhor compreender o potencial turístico dos trilhos pedestres”.

De acordo com o próprio, para além de sugerir a categorização das paisagens antropogénicas como património cultural, como já acontece com a Paisagem Vinha na Ilha do Pico, esta investigação teria como principais objectivos melhorar a gestão turística dos trilhos oficiais frequentados, evitando assim “impactos ambientais do uso excessivo, manter a qualidade da experiência dos visitantes e impedir que haja degradação da paisagem do destino turístico”.

Assim, a partir destes objectivos, será também possível atender ao conceito de “naturalidade no seu sentido ecológico”, para que este seja percebido entre as várias partes interessadas e para que haja uma “fusão entre o termo “paisagens verdes” e património natural”, salienta Diogo Pavão.

Partido de uma perspectiva mais ecológica, o investigador da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade dos Açores salienta que, para que isto aconteça, “um cenário favorável passaria por manter e preservar as áreas de vegetação natural que existem de uma forma sustentável”, aliada também ao “aumento da sensibilização sobre o conceito ecológico do que é naturalmente nativo e/ou endémico nos Açores e usar isso para “vender” a imagem de turismo na natureza que o Governo Regional tanto preza”.

Por esse motivo, considera-se que seria “impensável incluir vegetação natural nos trilhos pedestres de forma sistemática”, uma vez que “não faria sentido plantar espécies nativas ou endémicas ao longo dos trilhos, mas sim criar medidas de restrição nos trilhos que intersectam áreas naturais, de forma que os mesmos sejam utilizados de forma guiada para aumentar a consciencialização sobre a vegetação natural dos Açores”, tal como vem já acontecendo a nível mundial com o acesso controlado às áreas naturais que reduzem os riscos ambientais.

Apesar de se saber que a cobertura do solo nos Açores é actualmente dominada pela agricultura e pastagens (59,4%), floresta de produção e bosques exóticos (17,9%) e onde apenas 10,1% do solo corresponde a vegetação natural, não existe impactos visíveis na vegetação dos trilhos, conforme avançou um estudo feito há alguns anos. Mas como aumento da entrada de turistas na Região por intermédio das companhias ‘low cost’, é necessário fazer uma reavaliação da situação.

Mesmo com este estudo já realizado, considera-se que “é necessário monitorizar o estado actual da biodiversidade ao longo dos trilhos, de forma a perceber se já são visíveis os impactos desse número de visitantes”, adiantando que da parte dos turistas “ainda não há informações concretas e finais sobre as suas expectativas”.

Porém, adianta que neste momento a Faculdade de Ciências e Tecnologia Universidade dos

Açores está a fazer um levantamento dessas informações, tendo como objectivo perceber qual perceber a motivação que leva os turistas a fazerem trilhos nos Açores e quais as suas paisagens preferenciais ao longo dos trilhos que visitaram, para além de ser feita uma avaliação do perfil do turista (...), tudo isto através de questionários”.

Actualmente, explica o investigador, a realidade é que “a maioria dos turistas escolhe os Açores como destino de natureza devido à sua beleza natural, e dado ao nível tão elevado de mudança na cobertura do solo, derivada da acção humana, essa atracção dos turistas pode estar mais ligada a certos aspectos da paisagem, ou seja, a abundância de “paisagens verdes”, mais do que ao património natural, em termos ecológicos”.

É também por isso que esta investigação foi desenvolvida, de forma a evitar que os Açores estejam a ser vistos por turistas e residentes com uma “percepção ecológica imprecisa sobre a paisagem natural local”.

Em causa está “a distinção entre espécies indígenas e não indígenas”, acrescentando-se ainda que “a diferença entre os ecossistemas naturais – com alta diversidade taxonómica e genética, resultante de processos não dependentes da influência humana – e dos ecossistemas agrícolas – com baixa diversidade taxonómica e genética, apenas sustentável com a intervenção do ser humano – ainda não está clara para muitas partes interessadas”, adianta Diogo Pavão.

Tendo tudo isto em conta, o investigador da Universidade dos Açores conclui que “ter um sistema de trilhos estruturado pode ser importante”, uma vez que “facilitará o acesso dos visitantes e suportará experiências recreativas sustentáveis, tendo em conta que os trilhos pedestres bem-sucedidos resultam de um processo, metodologicamente e cuidadosamente, planeado”.

Joana Medeiros

